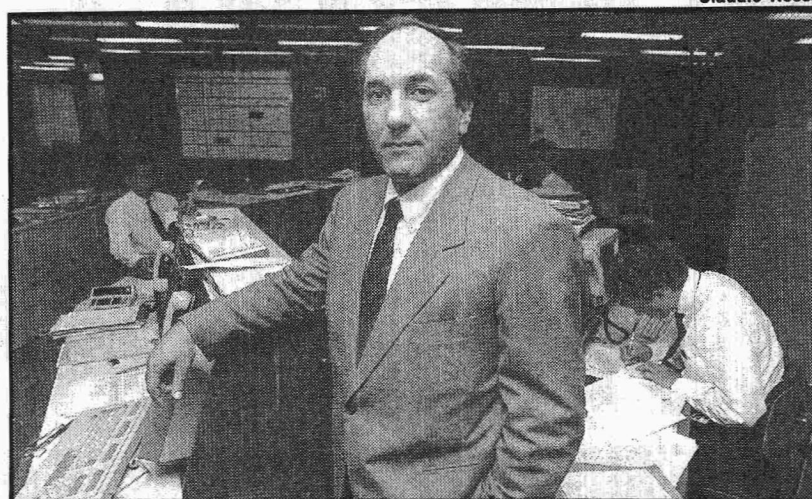


Nos cenários, crescimento da economia e 'tranco' na inflação

O início de recuperação da economia em 1993 — ano em que o Produto Interno Bruto (PIB) deverá crescer 5%, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) — está levando boa parte das multinacionais a apostar em 1994. Elas não embarcam num otimismo pleno, mas acreditam que a casa começará a ser arrumada. Para isso, no entanto, quatro condições são fundamentais: ajuste fiscal, privatização, revisão constitucional e alguma medida para conter a inflação, que já passa dos 30% ao mês.

A Xerox, por exemplo, trabalha com três hipóteses para 1994. Na primeira, o ministro Fernando Henrique Cardoso teria êxito ao negociar com o Congresso o ajuste fiscal e equilibrar as contas do Governo. Em julho de 1994, haveria um "tranco" para desindexar a economia.

O segundo cenário considera que Fernando Henrique e o Congresso não se entenderiam. A inflação chegaria a 47% ou 48% em fevereiro, quando seria aplicado o temido choque heterodo-



Eduardo Senise, da Dow Química: planejamento é exercício de alquimia

xo. O terceiro panorama leva em conta a mesma falta de harmonia entre o ministro e o Legislativo, mas com uma solução diferente: o Governo liberaria totalmente o câmbio, atrelando o cruzeiro real ao dólar e reduzindo as tarifas de importação.

— Para nós, esse é o cenário mais provável. Mas, como não dá para planejar em cima disso, consideramos que a inflação se manterá em 30% ao mês em 1994

— diz o diretor-superintendente da empresa, Carlos Salles.

Já a IBM considera dois cenários: um otimista, com queda da inflação para algo entre 15% e 18% ao mês; e um pessimista, com o índice se mantendo em 30%. A multinacional aposta na primeira hipótese. O presidente da IBM, Rudolf Hohn, está certo de que o Governo vai ajustar suas contas, mantendo o combate à sonegação, a abertura da economia e as privatizações.

Expectativa de um choque não assusta

SÃO PAULO — Empresas como American Express, Dow Química e Monsanto preparam-se para enfrentar mais um ano de inflação elevada em 1994. As estimativas sobre produção e vendas, na melhor das hipóteses, são de índices semelhantes aos registrados este ano. As empresas, no entanto, parecem menos preocupadas com a possibilidade de um choque do que com os efeitos da revisão constitucional, do ajuste fiscal e da crise política do Governo.

— Com tantas incertezas, fazer planejamento no Brasil virou um exercício de alquimia. Por isso, não levamos mais em conta a possibilidade de choques ao elaborarmos nossas metas. Estamos trabalhando com uma expectativa de inflação média mensal de 31,5% ao mês em 1994 — diz Eduardo Senise, diretor financeiro da Dow Química.

Para a Monsanto, também do setor químico, o câmbio deve se manter estável no ano que vem e as taxas de inflação ficarão em 25% ao mês. Nos últimos dois anos, a empresa deixou de fazer orçamentos detalhados como no passado, com previsões de vendas, rentabilidade, preços, gastos com pessoal etc. O mesmo aconteceu com a American Express, segundo o vice-presidente Roberto Cavalcanti.

— Deixamos de lado a bola de cristal e passamos a trabalhar com os números correntes para fixar nossas metas. Não consideramos a possibilidade de o país conviver com inflação baixa em 1994. Se ela ficar entre 30% e 35%, nossos negócios devem ter um crescimento vegetativo de, no máximo, 5% — prevê.

Reportagem: Ramona Ordoñez e Cláudia Moretz-Sohn (Rio) e Mari-za Cavalcanti e Milton Gamez (São Paulo)

Consultores reforçam as previsões de retomada

Toda quinta-feira, João Antônio Lopes, diretor da Trevisan Auditores e Consultores, reúne-se com empresários para debater perspectivas para 1994. Desse encontro, ele tirou uma conclusão otimista: a economia brasileira deverá crescer 5% em 1994 e haverá recuperação do nível de emprego temporário. Com a proximidade das eleições, João Antônio aposta que obras públicas estimularão a construção civil e a indústria de material de construção.

— Em ano de eleição, os governos investem em obras, criando empregos e melhorando o desempenho da economia.

Embora a Trevisan não faça previsões sobre a inflação, João Antônio aposta que ainda este ano o Governo tomará medidas para controlar a alta de preços. Uma delas poderá ser a aceleração da privatização, importante para o ajuste das contas. A outra hipótese, mais radical — na qual o executivo não aposta muito — é a de um choque econômico, convertendo uma parcela da dívida pública em ações de estatais. Isso, segundo ele, equivaleria a um confisco, contra-indicada às vésperas de eleição.

Para o economista José Cláudio Ferreira da Silva, do Ipea, a economia em 1994 dependerá do

ajuste que se fizer este ano. Ele lembra que, embora o Instituto tenha projetado um crescimento do PIB de 5% este ano, a recuperação não é tão sólida como se pensa.

— Esse crescimento se origina da queda das taxas de juros, que fez crescer a economia e acelerar a inflação. É o tipo de recuperação que vai erodindo. Se nada for feito, a tendência é o país entrar em 1994 batendo pino, com estagnação.

Mas José Cláudio não acredita que a economia continue em banho-maria. Ele aposta que o Governo adotará ainda em 1993 alguma forma de âncora cambial.

Economia Brasil
077
Reportagem 0127

Economia Brasil
077
Reportagem 0128

Economia Brasil
077
Reportagem 0129